

## Autoridade pedagógica e autoridade tecnológica: conceitos para um diagnóstico do tempo presente<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir criticamente os conceitos de autoridade pedagógica e autoridade tecnológica. Conceitos mobilizados por Antonio Zuin, durante uma carreira dedicada a pesquisar as relações entre a indústria cultural e os processos educativos. A influência das ideias de pensadores da primeira geração da Escola de Frankfurt, sobretudo de Theodor Adorno, sobre a categoria de autoridade docente é percebida na concepção dos conceitos analisados. Entretanto, hoje, esses conceitos dialogam com um mundo no qual há a proliferação de tecnologias digitais, as quais seriam um interposto à consolidação da autoridade pedagógica de outrora, de modo a constituírem uma espécie de autoridade própria, a autoridade tecnológica. As construções teóricas de Antonio Zuin são comparadas com as de outros pesquisadores, de modo que se evidencia a existência de um foco na relação professor-aluno dentro dessa linha analítica. Por fim, esse escrito tensiona os conceitos de autoridade pedagógica e autoridade tecnológica com um contexto caótico e múltiplo de relações professor-aluno, encontrados em escolas públicas, como as do ensino médio paulista a fim de destacar e compreender a potencialidade desses conceitos para se pesquisar o ambiente escolar e as formas como os estudantes se engajam para aprender. Essas reflexões são realizadas a partir da rearticulação dessas categorias analíticas com o conceito de legitimação.

**Leonardo Henrique Brandão Monteiro**

Universidade Federal de São Carlos  
– UFSCar – São Carlos/SP – Brasil  
monteiro.hb.leonardo@gmail.com

**Palavras-chave:** autoridade pedagógica; autoridade tecnológica; teoria crítica da sociedade; educação; tecnologias.

### Para citar este artigo:

MONTEIRO, Leonardo Henrique Brandão. Autoridade pedagógica e autoridade tecnológica: conceitos para um diagnóstico do tempo presente. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 23, n. 53, p. 186-216, set./dez. 2022.

**DOI:** 10.5965/1984723823532022186

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723823532022186>

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## Pedagogical authority and technological authority: concepts for a diagnosis of the present time

### Abstract

This article aims to critically discuss the concepts of pedagogical authority and technological authority. Concepts utilized by Antonio Zuin, during a career dedicated to researching the relations among the cultural industry and educational processes. The influence of the ideas of the Frankfurt School first generation of intellectuals, especially Theodor Adorno, on the teacher authority notion can be seen in the analyzed categories. However, these categories focus on a world of proliferation of digital technologies, which would be an interposition to the consolidation of the pedagogical authority of older times, in such a way as to constitute a kind of authority of their own, the technological authority. Antonio Zuin's theoretical constructions are compared with other researchers', so that it becomes evident that there is a focus on the teacher-student relationship. Finally, this paper tensions the concepts of pedagogical authority and technological authority with a chaotic and multiple contexts of teacher-student relationships found in public schools, such as those of São Paulo high schools in order to highlight and understand the potentiality of these concepts to research the school environment and the ways students engage in learning. These reflections are made from the rearticulation of these analytical categories with the concept of legitimation.

**Keywords:** pedagogical authority; technological authority; critical theory of society; education; technology.

## Autoridad pedagógica y autoridad tecnológica: conceptos para un diagnóstico del tiempo presente

### Resumen

Este artículo tiene como objetivo discutir críticamente los conceptos de autoridad pedagógica y autoridad tecnológica. Conceptos movilizados por Antonio Zuin, durante una carrera dedicada a investigar las relaciones entre la industria cultural y los procesos educativos. La influencia de las ideas de pensadores de la primera generación de la Escuela de Frankfurt, especialmente de Theodor Adorno sobre la categoría de autoridad docente es percibida en la concepción de los conceptos analizados. Mientras, hoy, estos conceptos dialogan con un mundo en el cual hay la proliferación de tecnologías digitales, las cuales serían un interpuesto a la consolidación de la autoridad pedagógica de otrora, de modo a constituir una especie de autoridad propia, la autoridad tecnológica. Las construcciones teóricas de Antonio Zuin son comparadas con las de otros investigadores, de modo que se evidencia la existencia de un foco en la relación maestro-alumno dentro de esta línea analítica. Por fin, este escrito tensa los conceptos de autoridad pedagógica y autoridad tecnológica con un contexto caótico y múltiple de relaciones maestro-alumno, encontrados en escuelas públicas, como las de la enseñanza media paulista a fin de destacar y comprender la potencialidad de estos conceptos para investigarse el ambiente escolar y las formas como los estudiantes se dedican para aprender. Estas ponderaciones son realizadas desde la rearticulación de estas categorías analíticas con el concepto de legitimación.

**Palabras-clave:** autoridad pedagógica; autoridad tecnológica; teoría crítica de la sociedad; educación; tecnologías.

## Introdução

Se o terreno da cultura e sua relação com as tecnologias produzidas pelos seres humanos é foco das análises daqueles autores que ficaram conhecidos como primeira geração da escola de Frankfurt, a influência de autores como Max Weber e Freud é notória, sobretudo, pelo enfoque na subjetividade que é dispendido por esses pensadores nas considerações que tecem sobre seu tempo presente. Segundo Zuin, Pucci e Lastória (2015), a leitura crítica de Adorno sobre conceitos freudianos constitui um dos elementos centrais de várias obras. Dentre elas, destaca-se a *Dialética do Esclarecimento* (1985), uma das obras mais influentes no pensamento social do século XX, que mobiliza em suas linhas, dentre outras coisas, a existência de uma dialética entre elementos conscientes e inconscientes na vida humana. Câmara e Franciscatti (2016) demonstraram um crescimento na produção de artigos científicos no Brasil que se valem de conceitos de Theodor Adorno entre 1985 e 2015, bem como uma atualização e um alargamento desses conceitos realizados por pesquisadores que se debruçam sobre diversos fenômenos que envolvem as dimensões da cultura.

Ao trazer essas informações, sinaliza-se a relevância que pode ser encontrada em relação a esses pensadores para o pensamento brasileiro sobre as dimensões subjetivas e também se introduzem os conceitos de autoridade pedagógica e de autoridade tecnológica, situando sucintamente o campo no qual emergem esses dois conceitos, forjados na interface entre psicologia social, educação e sociologia. Primeiramente com o intuito de nos aprofundarmos sobre o desenvolvimento desses conceitos, dois períodos serão considerados dentro dos escritos de Antonio Zuin, que se dedicou a esses conceitos durante uma carreira voltada a pesquisar as relações entre indústria cultural e processos educativos, com enfoque em interações existentes no processo de escolarização. O pesquisador iniciou suas reflexões em um período no qual os dispositivos dotados de tecnologia digital ainda não eram ubíquos, apesar de já relevantes, e avançou sobre um momento no qual estes são parte do cotidiano de quase todos os envolvidos no processo educacional. O marco distintivo entre os dois períodos é a proliferação dos *smartphones* que possibilitaram ubíquo acesso à Internet. A abordagem quase cronológica que se segue foi realizada como um meio de se traçar o desenvolvimento desses conceitos a fim de compreendê-los criticamente. Serão

considerados, aqui, os trabalhos publicados por Antônio Zuin de maneira individual ou em parceria com algum(a) outro(a) pesquisador(a) e que se debruçam sobre a temática.

Após um aprofundamento na origem e na articulação teórica que esses conceitos apresentam nas análises de Zuin, discutiremos análises empreendidas por outros pesquisadores que se valem dos mesmos conceitos, para analisar contextos diferentes, mas a partir de base teórica similar. A parte final deste artigo demonstra uma possível rearticulação desses conceitos de modo que possam fornecer elementos compreensivos para processos além daqueles para os quais propiciam, hoje, uma interessante chave analítica. Ou seja, com este escrito se intenta demonstrar uma possível expansão desses conceitos a fim de compreender o ambiente escolar de modo amplo, sem se limitar sobre uma relação professor-aluno ideal, que não existe na realidade empírica da maioria das escolas brasileiras.

### Leituras sobre a autoridade em uma cultura produzida industrialmente

As condições objetivas da existência humana são nevrálgicas para que compreendamos as formas como se corporificam estas duas lógicas diferentes de autoridade. Zuin (1995), ao realizar uma análise crítica da obra de Paulo Freire sob a ótica de conceitos frankfurtianos, conclui que uma indústria cultural globalizada se consolidava gradativamente como princípio pedagógico por excelência. Através dessa consolidação, a educação se verteria em processos de semiformação (ZUIN, 1995). Os indivíduos semiformados, por sua vez, teriam noções históricas solapadas, assim como dificuldade em processos de memorização (ADORNO, 2010; ZUIN, 1995). As constantes inovações tecnológicas, que aos poucos se infiltraram nos modos de perpetuação de elementos culturais, imbuíram paulatinamente uma lógica mercadológica aos processos culturais na qual as tecnologias passam a ser centrais. Inclusive, essas tecnologias passariam a mediar processos de projeção e de identificação das pessoas, de modo a compor parte integrante da formação das suas identidades (ZUIN, 1998).

Tal processo pode ser considerado semelhante aos processos de projeção e identificação que ocorreriam na relação professor-aluno. Zuin (1998) identifica que uma das reverberações das teorias freudianas na obra de Adorno consiste em considerar o

professor como um substituto do pai. Desse modo, o professor receberia toda uma gama de sentimentos ambíguos emanados pelos estudantes (ADORNO, 1999). Zuin (1998) recupera uma entrevista de Adorno realizada por Becker, presente no livro *Educação e Emancipação* (ADORNO, 2002), em que está melhor delimitado o que Adorno entende por autoridade pedagógica. O conceito corresponderia a um processo de formação de egos sadios, no qual o aluno, após projetar uma identificação de Ideal de Eu na figura do professor, percebe que esta não corresponde à realidade. Entretanto, por meio dos próprios ensinamentos do mestre, ou do exemplo do professor, consegue promover uma espécie de superação desse momento de identificação e projeção, em um movimento de superação no qual o estudante conserva o professor como figura de autoridade dentro de si.

Essa dimensão de autoridade pedagógica presente em Adorno (2002) remonta à ideia de Emancipação kantiana que, segundo o autor frankfurtiano, deveria ser o objetivo da formação cultural [*Bildung*]. Entretanto, como apontam Zuin (2003a) e Adorno (2010), a formação cultural voltada à emancipação não ocorre hoje, o que colabora com o solapamento da autoridade pedagógica. Em texto no qual discute a atualidade de uma reflexão realizada por Adorno (1999) acerca dos tabus que permeiam a profissão de ensinar, mas no contexto do início do século XXI, Zuin (2003a, p. 426) traz como conclusão que haveria um longo caminho a ser percorrido para que uma autoridade pedagógica, como a pensada por Adorno, fosse realidade nos contextos educacionais institucionalizados. Nas palavras do autor:

[...] estamos ainda distantes do exercício da autoridade pedagógica que sabe estar envolvida numa relação de poder com seus alunos, mas que também tem consciência de que sua superioridade é contingencial, pois ela porta em si mesma a sua superação. (ZUIN, 2003a, p. 426)

Nesse mesmo escrito, antes de chegar a essa conclusão, Zuin (2003a) elenca que a proliferação de escolas de massas no período de um capitalismo manufatureiro modificou a forma como o professor pode exercer seu poder sobre seus educandos. Pois, fora apenas a partir desse período, compreendido entre os séculos XVI e XVIII, e da disseminação da teoria educacional de Comenius (1997), que a violência psicológica se tornou uma espécie de ferramenta a ser utilizada pelos professores e que pouco a pouco

substituiu as punições físicas. Neste contexto, “a humilhação era justificada em nome da eficiência” (ZUIN, 2003a, p. 421). Zuin (2003a) defende que em contextos nos quais a relação pedagógica se realiza mediante a violência, os processos de idealização do Eu que tangenciam as figuras de autoridade, como a relação pedagógica, ao invés de promoverem uma superação saudável e a constituição de egos sadios, promoveriam uma identificação com o agressor, a qual seria expressa sadicamente quando lhe fosse oportunizada a possibilidade.

Se as escolas de massa que emergem na Europa (PINEAU, 2008) serão locais nos quais os professores se valem de violência, principalmente psicológica (ZUIN, 2003a), para a realização de seu trabalho. As condições técnicas do século XXI possibilitarão o avanço de uma outra modalidade educativa, a Educação a Distância (EaD), que trará outros tipos de reflexões ao pesquisador. No Brasil, por exemplo, no período de 2010 a 2017, 46% dos alunos que ingressaram em cursos superiores que visavam à carreira docente se matricularam em cursos dessa modalidade<sup>2</sup> e a tendência é de aumento desse percentual. Esse contexto de ensino desencarnado apontaria para uma impossibilidade de constituição da autoridade pedagógica pretendida por Adorno?

O próprio Zuin (2006) aponta para elementos que merecem atenção nesse processo, como uma reelaboração do sentido da palavra autonomia, que deixa de denotar processos de reelaboração de conceitos, para processos de aprendizado solitário. Assim como a perigosa ideia de que os professores deveriam passar a ser instrumentos dos alunos, para que estes fossem autônomos – estritamente num sentido de aprendizado autodirigido, e sem nenhuma conotação emancipatória.

No contexto da educação a distância, a figura do professor, enquanto uma entidade coletiva que pode ser acessada apenas através de vídeos, geraria um autoritarismo da imagem que corresponderia a uma dinâmica na qual os alunos se esforçariam apenas para apreender os conceitos, mas não para os reelaborar. Essa lógica que subjaz nas concepções da EaD apontadas por Zuin (2006), hoje se encontram espaiadas pelos processos educacionais. Dentro das pretensões deste artigo se faz

---

<sup>2</sup> MORENO, Ana Carolina. Futuros professores: 61% dos calouros de pedagogia ou outra licenciatura estudam a distância. In: G1, [Online], 15 ago. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/guia-de-carreiras/noticia/2019/08/15/futuros-professores-61percent-dos-calouros-de-pedagogia-ou-outra-licenciatura-estudam-a-distancia.ghtml> (Acesso em: 05 maio 2021)

interessante esse adendo, pois demonstra um momento no qual as questões que envolvem as relações entre autoridade tecnológica e autoridade pedagógica começam a se delinear nos escritos de Zuin.

A necessidade de um conceito que possibilite compreender as relações entre estudantes e tecnologias se mostra cada vez mais pertinente, pois como assevera Zuin (2010a), ao discutir um documento norteador do CONAE (Conferência Nacional de Educação), as tecnologias fazem parte do cotidiano e constituem o modo de viver (*modus vivendi*) da imensa maioria das pessoas que habitam o Brasil. Contudo, apareciam de forma periférica no documento, ao mesmo tempo em que nele se lia uma demanda de reflexão crítica sobre essas temáticas.

O diálogo com Christoph Türcke, nos escritos de Zuin, é inegável. Sobretudo sua leitura sobre a emergência de uma nova ontologia social após a revolução microeletrônica, que influencia decisivamente a leitura de Zuin sobre o *modus vivendi* que se constitui a partir desta. Türcke (2010) afirma, a partir de uma releitura das ideias de Berkeley, que ser, hodiernamente, é ser percebido. E, para serem percebidos, os seres humanos inseridos nessa lógica passam a constantemente propagandear a si mesmos, como se fossem produtos, como se pudessem, a partir do uso de alguma roupa ou de acessório específico, se diferenciar dos demais (ZUIN, 2003b). Ao articular essa ideia de Türcke, com asseverações como as de Debord (2005), de que vivemos em uma sociedade do espetáculo, podemos começar a especular quais dimensões podem ser compreendidas pelo conceito de autoridade tecnológica, que se encontra em germe em alguns escritos nos quais Zuin (2008, 2009, 2010b) argumenta que numa sociedade mediada por relações espetaculares, na qual ser é ser percebido e na qual cada pessoa se torna uma publicidade de si mesma, o ressentimento de alunos em relação a professores, que em configurações históricas anteriores era recalcado por medo de represálias, encontra meios para se corporificar e receber atenção. Seja no caso de massacres em ambientes de ensino que repercutem pelo globo (ZUIN, 2008), ou então através da postagem e participação em comunidades virtuais do descontinuado Orkut<sup>3</sup> (ZUIN, 2009), ou em outros locais pela Internet (ZUIN, 2010b).

---

<sup>3</sup> Cf. ANJOS, Lígia dos. Como era o Orkut?: A rede social lançada em 2004 chegou a ter 30 milhões de participantes. Boa parte deles, brasileiros. Ah, que saudade do Orkut! In: Super Interessante, [Online], 14

Todavia, as relações entre professores e alunos são sempre permeadas por uma ambiguidade. Zuin (2009), ao se deter sobre comunidades<sup>4</sup> da rede social, hoje desativada, Orkut, pôde perceber que em diversos momentos os alunos pareciam procurar com seus comentários jocosos e odiosos chamar a atenção dos professores, ou então, demonstravam seu carinho aos mestres em comunidades elogiosas nas quais identificavam os docentes nominalmente, prática inversa das generalizações presentes nas comunidades odiosas. De modo semelhante agiam os professores que, em outras comunidades, expressavam toda uma gama de sentimentos ambivalentes em relação aos seus alunos (OLIVEIRA; ZUIN, 2011). As ambivalências presentes nas relações entre professores e alunos começam a se inserir em um contexto diferente daquele sobre o qual Adorno (1999) teceu suas considerações, principalmente em relação ao foco de atenção dos estudantes.

A influência de Türcke (2010) é fundamental para compreendermos o contexto social em que vivemos e o modo como Zuin traça seus conceitos de autoridade pedagógica e de autoridade tecnológica. Zuin e Zuin (2011a) chamam a atenção para a reconfiguração da relação de forças pedagógicas numa sociedade, na qual a concentração é atraída para um quadrilátero brilhante que a tritura tão logo a receba. Essa modalidade de foco será conceituada como distração concentrada. Nessa nova configuração, os professores, cada vez mais, precisariam estabelecer diálogos e valorizar aquilo no que os alunos possuem interesse, caso contrário, as possibilidades de receberem a atenção deles estariam extremamente limitadas. Assim como, asseveram que a memória nesse contexto é atingida de forma central. Pois, a vertiginosa rapidez com que os conhecimentos se desdobrariam, frente a alunos e professores, impediria que o processo mnemônico, que se constitui como algo vital ao processo formativo e reflexivo, se consolidasse (ZUIN; ZUIN, 2011b).

---

fev. 2020. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-era-o-orkut/> para uma leitura que explica como que funcionava a rede social Orkut. (Acesso em: 05 maio 2021)

<sup>4</sup> Cf. *Sem autor*: Após fim do Orkut, comunidades são preservadas em “museu on-line”. In: *Veja*, [Online], 30 set. 2014. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/tecnologia/apos-fim-do-orkut-comunidades-sao-preservadas-em-museu-on-line/> ou *Brasil Econômico*. Aniversário do Orkut: confira as comunidades mais inusitadas da rede social. IN: *IG Tecnologia*, [Online], 24 jan. 2018 <https://tecnologia.ig.com.br/2018-01-24/comunidades-orkut.html> (Acesso em: 05 maio 2021)



Esse impedimento fomentaria aquilo que Adorno (2010) chamou de semiformação e que Zuin (2013a) trabalha de modo a tecer reflexões acerca da constituição de uma semiformação cultural no contexto do século XXI, o qual além de inserir as pessoas numa dinâmica de distração concentrada, erige sobre elas uma nova relação com a memória, pois enquanto as máquinas armazenariam informações de forma perene, os seres humanos são incitados a viverem em um presente contínuo e de contato superficial com os elementos culturais. Zuin (2013a) cita como exemplos desse processo tanto pessoas que foram prejudicadas em suas vidas profissionais por dados presentes na rede, quanto a realização de bricolagens em trabalhos escolares e acadêmicos, nos quais os alunos nada mais fazem do que copiar e colar informações de lugares diversos da rede em um documento de algum editor de texto e depois fingem ser de sua própria autoria.

A infiltração de uma autoridade tecnológica que intenta se impor à autoridade pedagógica é analisada por Zuin (2013b) ao se valer do caso de 107 alunos de um famoso e dispendioso colégio que foram suspensos ao protestarem contra a instalação de câmeras nas salas de aulas. A resistência demonstrada por esses alunos escancara a possibilidade de que câmeras nos locais escolares sirvam como forma de controle, tanto das condutas dos alunos, quanto dos professores, em uma espécie de panóptico atemporal. Se as configurações hodiernas de uma sociedade do espetáculo (DEBORD, 2005) encontram-se presentes e se espraiam por todas as esferas da vida humana, não é de se espantar que se enseje a espetacularização das relações educacionais.

Zuin (2013b) nos conta que a ação dos alunos surtiu efeito temporário. Mas será que até hoje as salas desse colégio e de outros semelhantes já não possuem, cada uma, sua câmera? Esse artigo do autor traça elementos que nos fazem refletir sobre a fragilidade que a autoridade pedagógica dos professores passa a possuir frente à proliferação e ao uso cotidiano de dispositivos digitais. Essa fragilidade fará com que Zuin (2014) assevere a necessidade de professores se valerem das tecnologias digitais como espécie de contrafogo, ou seja, como ferramentas que ao invés de dispersarem a atenção dos alunos, possam ajudá-los a se concentrarem nos conteúdos escolares. Ao final deste artigo, Zuin (2014) afirma que várias vezes se faziam ouvir quando afirmavam que a existência da escola, enquanto instituição produtora e disseminadora de conhecimento neste contexto digital, seria desnecessária. Outro ponto importante da discussão se

encontra em Zuin e Zuin (2016) que, ao refletirem sobre a iminente inserção da Internet das Coisas no meio educacional, elencam que apesar de possuírem certo potencial emancipatório, essas tecnologias podem servir a novas formas de vigilância e controle dos alunos, assim como podem promover diversos novos esquecimentos, ao possibilitarem que qualquer informação seja acessada em poucos segundos. Entretanto, constantemente essas tecnologias são identificadas como possuidoras de uma autoridade educacional maior que a dos professores. Essa asseveração ecoa nas problematizações propostas neste escrito.

Zuin, a partir dos trabalhos com Kyriacou, começa a trabalhar questões que envolvem a relação professor-aluno e suas interações com os conceitos de autoridade pedagógica, através da investigação de *cyberbullyings* realizados por estudantes contra seus professores (KYRIACOU; ZUIN, 2015a; KYRIACOU; ZUIN, 2015b). Nesses trabalhos, o *cyberbullying* perpetrado pelos estudantes aparece como uma forma de desafio à autoridade do professor. Há, também, uma tentativa de tipificação realizada pelos autores, assim como, reverbera uma conclusão de que o prazer que o *cyberbullying* liberaria aos estudantes superaria qualquer medo de ser repreendido. Produções posteriores de Zuin (2017a, 2017b) parece que irão justamente tentar compreender o que incitaria os alunos a desafiar a autoridade pedagógica dos docentes. A resposta que Zuin encontra reside na afirmação narcísica que esses estudantes irão experimentar ao verem seus vídeos “se tornarem virais”; sendo que toda essa afirmação narcísica é potencializada se pensarmos nas configurações hodiernas, nas quais ser é ser percebido (TÜRCKE, 2010), o que incita emissões eletrônicas compulsivas por parte das pessoas.

Justamente a preocupação com essa dimensão analítica começa a traçar aquilo que poderá ser conceituado como autoridade tecnológica. Essa autoridade tecnológica também é colocada em evidência por Zuin (2016), ao refletir sobre a autoridade docente à luz de conceitos de Postman (2005), mas considerando a mediação da cultura digital e seus dispositivos, ao invés de refletir sobre uma cultura analógica, na qual a televisão despontava como tecnologia predominante no consumo cultural, como fez o estadunidense. Zuin (2016) se depara com uma configuração social na qual professores agem como crianças ao espatifarem celulares de alunos que não prestam atenção em suas aulas, e alunos que agradecem ao Google com faixas penduradas ou empunhadas

em suas cerimônias de formatura, o que exemplifica em diversos momentos, a autoridade tecnológica presente na vida desses estudantes. Outro trabalho de Zuin (2015) também deixa claro que sua concepção de autoridade pedagógica se baseia em ideias da psicanálise, e que o professor, em diversos momentos históricos diferentes, ocupou o posto de Ideal de Eu do aluno.

Entretanto, hodiernamente, existiria uma espécie de véu tecnológico (ADORNO, 2002) que esconde os processos de digitalização da vida (ZUIN, 2015). Não apenas há esse véu, mas a formação tecnológica seria mais atraente aos estudantes do que a figura do professor (ZUIN, 2017a). Nesse contexto, aponta Zuin (2017a), que a prática de *cyberbullying* perpetrada pelos alunos coadunaria com a valorização da identidade midiática e espetacularmente percebida como traços ontológicos da cultura digital. O fato de no Brasil os professores serem lidos como profissionais que devem possuir uma vocação, não auxilia na elaboração de estratégias para o enfrentamento desse problema, pois se valoriza aquele professor que, apesar de todas as dificuldades, consegue ministrar suas aulas. Essa romantização do sofrimento docente mostra sua face cruel com os cada vez mais frequentes diagnósticos da síndrome de *Burnout* em profissionais da educação (BUFFA, 2014; CARLOTTO, 2011).

Um elemento central ao conceito de autoridade tecnológica é a sua materialização no celular do aluno, que lhe promove acesso instantâneo a mais informações do que teria tempo de verificar em sua vida, e permite que esse estudante internalize certa ideia de onipotência através dessa pequena máquina (ZUIN, 2017a). O avanço da autoridade tecnológica imprime tanto uma confusão entre os espaços públicos e privados como, pouco a pouco, substitui a autoridade docente, principalmente, em relação ao incentivo da disciplina e da capacidade de concentração. E, não apenas isso, há uma submissão à autoridade algorítmica dessas tecnologias, que se apresentam como o ápice da personalização promovida de forma ilusória pelos conteúdos das indústrias culturais (ZUIN; ZUIN, 2018a). Inclusive, hoje existem aplicações que visam personalizar os processos de estudo de forma individual, de modo, que o processo formativo possa ser o mais prazeroso possível, mesmo à custa de um aprendizado aprofundado, ou de uma proliferação de recursos presentes nesses

aplicativos que podem causar mais distrações do que propiciar a concentração dos estudantes naquilo que deveria ser aprendido (CASTRO; ZUIN, 2018).

Desse modo, a presumida infalibilidade dos dispositivos digitais faz os alunos mimetizarem uma sensação de autossuficiência, ao mesmo tempo em que voluntariosamente se inscrevem em um processo de tutela, em grande parte gerenciado por processos algorítmicos (ZUIN; ZUIN, 2019). Segundo os autores há, portanto, uma autoridade digital algorítmica que se infiltra na vida dos seres humanos através do uso de dispositivos digitais e do fornecimento de dados a grandes bancos de dados, conhecidos como *Big Data*, que influirão seja nos resultados das pesquisas na rede, seja nas propagandas que aparecem ao utilizar esses aparelhos, de modo que esses permanecem em um estado de menoridade semelhante ao descrito por Kant, em outro contexto social.

Uma via de saída a essa tutela, ou melhor, a esses processos de semiformação, residiria na autocrítica que poderia ser realizada entre estudantes e professores (ZUIN; ZUIN, 2017); segundo os autores, essa autocrítica seria vital ao estabelecimento de uma alfabetização mediática crítica que impulsionasse o uso de tecnologias digitais, não como forma de reforço de comportamentos narcísicos, ou de mimetizações de certa onipotência, presentes nas tecnologias da informação, mas pelo contrário, poderiam operar uma revitalização dos vínculos sócio-históricos dos conceitos que são aprendidos. Zuin e Zuin (2017) trazem como exemplo um professor que, em conjunto com seus alunos, procura uma obra de arte que fora lembrada durante uma discussão em sala de aula. Em conjunto, docentes e discentes poderiam encontrar um quadro, por exemplo, e realizar uma análise que o vinculasse aos conceitos que estavam em debate, algo que seria impossível em épocas anteriores, devido às limitações tecnológicas.

Entretanto, apontam que apenas se alunos e professores estiverem dispostos à autocrítica é que será possível a construção de usos reflexivos da tecnologia digital. A liberação do uso de dispositivos digitais para fins pedagógicos poderia, inclusive, representar o fim pedagógico, segundo Zuin e Zuin (2018b), pois, sem a realização da autocrítica necessária, seria um convite ao reforço de *ethos* digital, no qual as relações humanas são digitalizadas, bem como, uma porta escancarada a sentimentos que podem dificultar o processo de aprendizagem como a ansiedade, por exemplo, ou então à

distração proporcionada por essas tecnologias e fomentada por uma indústria cultural baseada na onipresença de telas (ZUIN; ZUIN, 2019). Todas essas mudanças podem ser encaradas como características da consolidação de uma Idade Mídia (ZUIN; GOMES, 2019) caracterizada pela modificação das relações objetivas e subjetivas dos seres humanos no mundo. Podendo, inclusive, propiciar o surgimento de sistemas autônomos de controle social baseados em leituras algorítmicas de vastas bases de dados.

Um dos sistemas que surge no horizonte é o objeto de reflexão de Zuin e Zuin (2020), em artigo no qual discutem sobre possibilidades de vigilância algorítmica de alunos a partir de câmeras de reconhecimento facial, ou então, de câmeras transdérmicas que captem e analisem o fluxo sanguíneo que ocorre na face do alunado. Esse texto é central para compreendermos o conceito de autoridade pedagógica da forma pela qual é mobilizado por Zuin, por duas principais razões. A primeira é a de que a influência da psicanálise na sustentação do conceito é elaborada de forma explícita. Bem como, se afirma que a autoridade pedagógica tal como ela é entendida pelos autores se aferra às relações professor-aluno. Ou seja, se analisam as relações professor-aluno a partir da construção de um ideal de relação que corresponderia à formação de egos saudáveis em meios às ambivalências presentes no processo formativo.

Neste ideal de relação, os alunos se identificariam com seus professores de modo a projetar sobre eles um Ideal de Eu. Esse Ideal de Eu seria contingente e superado, inclusive com a ajuda do educador, que se conservaria transformado dentro do estudante. Zuin e Zuin (2020) refletem sobre a impossibilidade de realização desse processo ao nos depararmos com tecnologias que tornam a ambiguidade, inerente à relação professor-aluno, algo objetivo e mensurável. De modo que, a leitura realizada pelos algoritmos que interpretarem os dados recolhidos pelas câmeras, pautarão as ações do docente que, neste contexto, se torna um mero mediador entre os estudantes e a tecnologia que os interpreta. Sendo que neste, o processo de projeção de um Ideal de Eu sobre o professor não pode culminar na formação de egos sadios, mas sim, numa identificação com o agressor. Processo no qual os estudantes internalizariam a intenção de serem algozes no futuro. Nesse ínterim, os autores afirmam que o *cyberbullying* postado pelos alunos em sites, como o YouTube, pode ser um prenúncio de práticas estudantis que estão por vir.

As práticas de *cyberbullying* são o objeto de discussão de um artigo de Zuin em parceria com o pesquisador alemão Andreas Gruschka (GRUSCHKA; ZUIN, 2020). Nesse escrito, os autores desenvolvem uma reflexão acerca da cotidiana presença de *smartphones* no contexto escolar e como estes, além de possibilitarem acesso quase que instantâneo a uma vasta gama de informações, também podem funcionar como uma câmera de espionagem, como é o caso de ambos os vídeos analisados pelos autores. O tensionamento do conceito de autoridade pedagógica ocorre de forma a encontrar nos vídeos dois resultados opostos; em um, o professor teria revitalizado a sua autoridade frente aos alunos a partir da destruição do aparelho celular da aluna e, no segundo, a autoridade da professora teria se esfacelado, ao ser agredida física e psicologicamente por uma aluna. As conclusões que os autores chegam nesse segundo caso, inclusive, remetem a especulações sobre se a professora em questão voltou a lecionar após o episódio, ou sobre a impossibilidade de a professora voltar a exercer sua função a essa classe. Os autores, desse modo, atrelam o exercício da docência à existência de uma autoridade, em algum grau, por parte do profissional frente aos educandos. A não existência dessa autoridade acarretaria a própria impossibilidade do estabelecimento de uma relação pedagógica.

A aproximação com a psicanálise também se faz presente na última obra de Zuin (2021). Nesse trabalho, o autor realiza um esforço teórico de situar a relação professor-aluno como dotada de uma série de ambiguidades e tabus inerentes, os quais seriam mediados historicamente. Dentro desses processos ambíguos, nos quais a violência se consubstanciou com frequência ao longo dos séculos, havia também espaço para demonstrações afetivas dos mestres que encorajariam seus alunos à superação dos professores, a partir da internalização de sua autoridade. Entretanto, para Zuin (2021), há uma ruptura radical nessas relações com o advento da revolução microeletrônica. Sobretudo, com a emergência do uso desenfreado de *smartphones*. Pucci (2021) aponta que os dois conceitos que se sobressaem nas análises realizadas por Zuin (2021) seriam os de desengajamento moral e de fúria narcísica, que se desenham pela primeira vez no trabalho do autor justamente nessa obra. Os dois conceitos, em conjunto com uma revitalização da conceituação de tabu, presente tanto em Adorno, quanto em Freud,

serão o cerne do argumento de Zuin (2021) em defesa da necessidade de uma reconfiguração da autoridade pedagógica.

No que concerne à autoridade pedagógica, conceito lapidado ao longo dos anos por Zuin, ele afirma que o novo contexto social irá modificar radicalmente a relação professor-aluno, de modo que se interpõe no processo de formação da identidade e da internalização da autoridade que poderia levar à superação do professor, impedindo deste modo, que o aluno não apenas aprendesse os ensinamentos, os internalizando, mas desenvolvesse uma consciência crítica sobre estes conhecimentos de modo a os conservar de modo transformado e não apenas mnemônico. A prática de *cyberbullying* contra professores seria um indício da não conclusão do processo de formação de egos sadios como descrito em parágrafos anteriores, justamente por demonstrar grande desengajamento moral dos estudantes frente aos professores, sejam aqueles alunos que realizam o *cyberbullying*, ou dentre aqueles que são espectadores. Essas práticas evidenciam que a autoridade e a identificação com aparatos dotados de tecnologia digital superaram a autoridade e a identificação com o professor, o que pode ser notado em uma configuração social na qual os alunos, para serem percebidos eletrônica e midiaticamente, não temem nenhuma represália que possa partir dos docentes.

Zuin (2021) argumenta, também, que a proliferação daquilo que conceitua como concentração dispersa entre os estudantes potencializa sentimentos de ressentimento contra os profissionais que tentam fazer com que os jovens foquem a sua atenção em determinado assunto, os professores. A inédita interação entre as esferas pública e privada possibilitaria que os estudantes demonstrassem seus ressentimentos de modo midiático e com longo alcance. Justamente, fazendo com que os profissionais do ensinar se tornem bodes expiatórios de uma fúria narcísica, de jovens que não mais sabem diferenciar o Eu do Outro com exatidão, não se importando com as consequências enfrentadas pelas vítimas de *cyberbullying* desde que a sua fúria narcísica obtenha fruição.

Desse modo, uma crescente digitalização da vida cotidiana pode ser percebida, assim como o aprofundamento estabelecido por Zuin na temática, o que permitiu que visualizássemos desde como o *insight* de que a indústria cultural globalizada havia se tornado um princípio pedagógico (ZUIN, 1995) até a conclusão presente no último

livro de que: “a identidade do professor, pautada numa relação hierárquica e autoritariamente verticalizada com os alunos, não mais possui condições de se manter” (ZUIN, 2021, p. 163). Existem diversas temáticas que devem ser colocadas em pauta. Zuin (2021), em dado momento, assevera que os alunos, munidos de uma onipotência narcísica fornecida por seus dispositivos digitais, sentem que a escola não mais seria necessária para aprender. A seguir, nos debruçaremos sobre o uso dos conceitos analisados até o momento, a partir de Zuin, por outras miradas.

### Outras leituras dos conceitos de autoridade pedagógica e autoridade tecnológica

Nesta seção algumas possibilidades acerca do uso dos conceitos de autoridade pedagógica e autoridade tecnológica serão apresentadas, de forma a ao menos apontar potencialidades compreensivas desses conceitos a partir de diversas perspectivas. Interessante notar que não apenas nos textos de Zuin, mas em outros autores como Young (2007; 2016) de uma perspectiva distinta, encontramos reverberações da potencialidade emancipadora da educação presentes em Kant (1999). Para Young, a autoridade docente se assenta em seu domínio conceitual de sua disciplina específica. A autoridade sobre esse conhecimento específico permitiria que os alunos abandonassem sua experiência cotidiana de modo a adentrarem em um mundo conceitual, o qual forneceria algumas generalizações confiáveis. Nas palavras de Young (2016, p. 29), “a internet sem a mediação, primeva da escola, não poderá estabelecer uma relação com o conhecimento”.

Dessa forma, apesar de reconhecer a internet como importante local para que sejam encontradas informações, o autor a difere de um processo formativo capaz de fazer com que os estudantes adquiram “conhecimentos poderosos”. O autor se posiciona contra os processos hodiernos de flexibilização dos currículos escolares que fazem com que “os educadores sintam que não deveriam ter autoridade sobre os alunos apenas porque sabem mais. É como se a autoridade fosse algo incômodo e não democrático” (YOUNG, 2016, p. 29). Portanto, no processo de ensino, a autoridade legítima do adulto se faz necessária para que o conhecimento especializado, construído ao longo dos últimos séculos, seja compartilhado com a nova geração. A autoridade



pedagógica, em certa medida, é dada e valorizada pelo social, para Young. O recorte espacial dessa seção privilegia trabalhos publicados em periódicos nacionais. Nesses escritos, o enfoque na relação professor-aluno, assim como nos trabalhos de Zuin, é constante.

Em tentativa de compreender como o social pode revitalizar uma autoridade pedagógica, Calábria e Freitas (2019), a partir de uma pesquisa bibliográfica, traçam contornos do que pode vir a ser uma reflexão do papel da família em conjunto com a instituição escolar na formação cultural de sujeitos brasileiros, mesmo que o contexto aponte para a consolidação de uma formação tecnicista nos últimos anos. Desse modo, os autores visam encontrar nesses conceitos elementos que podem fomentar uma reflexão nesse sentido, e que possam estabelecer elos comunicacionais entre a escola e as famílias a fim de fomentarem a autoridade dessas figuras, algo que hoje é extremamente raro.

Não foram fortuitas as considerações realizadas em relação ao texto de Zuin (2006) acerca da educação a distância (EaD), pois, esse texto possui influência sobre a temática justamente por ser um texto que versa sobre a EaD e que se vale de uma perspectiva de formação para a autonomia, em termos adornianos. Outro texto que tenta se valer da perspectiva é o de Silva, Rodrigues e Farias (2014). Os autores desse escrito enfatizam que as configurações objetivas da EaD fomentam uma ampliação do sofrimento docente, de modo que este se vê enfraquecido de sua autoridade, concomitantemente a uma lógica de fomento ao “aprender a aprender”, que prega uma autonomia no aprender e o estabelecimento de uma relação quase horizontalizada entre estudantes e professores (DUARTE, 2001). Esse processo na EaD abre espaço para que o professor se torne, então, um instrumento do aluno, o qual ele utiliza impossibilitando, assim, uma relação professor-aluno que se estruture na identificação, superação e conservação da autoridade; movimento que formaria cidadãos autônomos dentro dessa perspectiva educativa.

A título de exemplo, podemos citar o estudo exploratório de Dias, Leite e Batista (2010), que intentaram compreender se os alunos possuíam clareza do papel do professor na aprendizagem EaD. O que os autores constataram foi que os alunos não apresentavam clareza sobre as funções e diferenças de tutores a distância, tutores

presenciais e professores e que possuíam reclamações que se detinham, em sua maioria, sobre *feedbacks* que chegavam a demorar dois dias – cabe pontuar que os tutores eram instruídos a responder os alunos em no máximo 48 horas –, ou de ordem técnica, em relação a dificuldades enfrentadas pelos alunos, que não se sentiram amparados durante a resolução de tais problemas.

Existem também trabalhos que se amparam em dimensões normativas e programáticas, principalmente em relação aos professores; é este o caso, por exemplo, dos artigos de Conte e Habowski (2018) e de Habowski e Conte (2018), que utilizam os conceitos de autoridade pedagógica, sobretudo, e de autoridade tecnológica, recorrentemente. Esses autores, seja através de uma leitura de Paulo Freire ou de uma perspectiva hermenêutica adorniana, defendem em ambos os textos que “[t]alvez a autoridade do educador deva encontrar o seu caminho na resistência à opacidade do ensino” (CONTE; HABOWSKI, 2018, p. 424) e “ao silêncio em relação às tecnologias digitais como condição implícita a uma sociedade autônoma e autocrítica” (HABOWSKI; CONTE, 2018, p. 514) seja em relação à cultura digital, ou em relação à tradição cultural própria dessa sociedade.

A reutilização de trechos literais de uma conclusão em dois trabalhos acadêmicos não é exclusividade desses autores, mas é interessante notar que os autores, em ambos os textos, dialogam com um artigo de Zuin e Zuin (2011a) que traz à discussão justamente a bricolagem de alunos que copiam e colam trechos textuais de alhures em seus trabalhos escolares e os entregam ao professor fingindo que isso não está acontecendo. Ou seja, mesmo aqueles que defendem que os professores devem agir criticamente e se valer das tecnologias digitais de modo criativo e crítico para revitalizar sua autoridade pedagógica, de certo modo sucumbem a uma autoridade tecnológica. Talvez, então, algo para além da relação professor-aluno deva ser repensado.

Cabe pontuar que os mesmos Conte e Habowski (2019), em artigo no qual dialogam com Habermas e destinado à área de formação de profissionais da educação, argumentam em consonância tanto com o autor alemão, quanto com Paulo Freire, que um processo emancipatório é coletivo e pautado por dimensões comunicativas, e que dentro desse processo a autoridade epistemológica desempenhada por um educador é central. Ou seja, defendem uma perspectiva de emancipação diferente daquela adotada

por Adorno sob influência da filosofia kantiana e que reverbera nos escritos de Zuin, na qual a emancipação seria a saída do indivíduo da sua minoridade, através do uso público de sua Razão e de um ousar saber. Isso significa que podemos investigar processos para além da relação professor-aluno em vias de problematizar as temáticas que englobam autoridade pedagógica e autoridade tecnológica.

Essa problematização, em certa medida, foi realizada por Pucci (2004) a partir de uma leitura crítica e de uma revitalização analítica do ensaio de Adorno (2010), no qual ele discute a semiformação. O pesquisador afirma que no século XX houve uma multiplicação das figuras de autoridade, que se pulverizavam em figuras não apenas presenciais como o pai ou o professor, por exemplo, como também em figuras produzidas por uma indústria cultural de massa, como super-heróis de histórias em quadrinhos, ou então, estrelas do cinema ou da rádio. Essa tendência a tudo multiplicar é umas das marcas da Modernidade (ROSA, 2019). Pucci (2004) afirma que o enfraquecimento de figuras de autoridade impossibilita o processo formativo, pois uma autoridade fraca não geraria o ímpeto necessário para que ao fim de um processo formativo esta fosse superada, de modo a bloquear os processos nos quais os alunos se identificavam, e posteriormente superavam as figuras de autoridade as conservando dentro de si.

Todavia, outras questões de ordem objetiva corroboraram esse processo de desvalorização da profissão de ensinar. Pucci (2004) aponta dentre eles: uma configuração educacional baseada em um modelo de ensino funcional; a contenção de aumento salarial; o crescente aumento do número de alunos por sala de aula; a supervalorização dos livros didáticos, softwares educacionais e outros elementos produzidos por uma indústria cultural da educação. Transformações que, inclusive, atingem universidades de prestígio, nas quais o autor identifica uma crescente estetização das aulas pelos professores, para que os alunos consigam focar sua atenção sobre os conteúdos trabalhados.

No que tange a temática da autoridade, outro trabalho relevante foi produzido por Crochík (2010). O pesquisador, ao refletir acerca do primado da forma nas sociedades hodiernas, tematizou a questão da autoridade a partir de conceitos e reflexões de autores comumente inclusos no que se denominou de primeira geração da Escola de

Frankfurt. Crochík (2010) parte da afirmação de Adorno de que cada tempo estabelece um tipo de cultura específica que será interiorizada pelos indivíduos e permitirá a reprodução daquela sociedade. Contudo, nessa configuração em específico, desde a consolidação da indústria cultural no século passado, a cultura se expressa quase sempre como uma mercadoria.

Isso implicaria em uma contínua projeção da exterioridade em detrimento de uma fomentação à interioridade, devido à identificação contínua com elementos publicitários. Como vimos acima, Zuin trabalha a partir das análises de TÜRCKE uma perspectiva semelhante. O diferencial do trabalho de Crochík (2010) reside na influência de Marcuse, e suas ideias de que a autoridade se torna cada vez mais impessoal, e na forma como Crochík (2010) lê as consequências dessa configuração social na consolidação de uma identificação com a autoridade que, ao ser simulada, através de meios de comunicação e não mais em contato direto, impede o movimento de superação necessário a uma delimitação entre o Eu e o Ideal de Eu das pessoas, que quando ocorre, em geral, se faz como uma delimitação fraca, assim como, os seus modelos. Qualquer semelhança com a ideia de fruição de uma fúria narcísica dos estudantes ao realizarem *cyberbullying* com seus professores (ZUIN, 2021), não é mera coincidência, pois Crochík e Zuin partem de repertório teórico semelhante e observam uma configuração social, extremamente similar, apesar de enfocarem processos diferentes.

Uma abordagem um tanto quanto diferente pode ser percebida no artigo de Pereira e Zuin (2019), texto que se ancora nas percepções Hannah Arendt sobre a falência da autoridade. Zuin (2017a) já havia estabelecido um diálogo com a filósofa alemã sobre o conceito de autoridade, mas em termos diferentes dos apresentados neste artigo. O trabalho de Pereira e Zuin (2019) analisa as percepções de professores de uma escola de Rio Branco (AC) sobre a autoridade pedagógica do professor. Diversos elementos interessantes podem ser trazidos deste escrito, dentre deles está a percepção da maioria dos docentes de que ainda possuem certa autoridade sobre os alunos, e que essa autoridade hodiernamente se apresentaria a professores que fomentassem nos alunos o desejo de aprender.

Contudo, apontam que seu maior incômodo durante as aulas é com o desinteresse dos alunos, ou seja, com o não engajamento dos estudantes em relação ao

que fora preparado pelo professor, o que causa um tremendo mal-estar entre os docentes devido ao investimento emocional realizado por estes em sua preparação. Sentimentos ambíguos, presentes tanto pelo lado dos alunos, quanto pelo lado dos professores, não são novidades neste escrito. Mas, Pereira e Zuin (2019) apontam um crescente desencantamento com a profissão de ensinar demonstrado pelos professores ao abandonarem a profissão, depois de um esgotamento físico e/ou mental, ou mesmo, por uma constante responsabilização dos docentes acerca dos problemas educacionais, assim como, outros elementos que apontam para uma forte precarização do trabalho no que tange a profissão de ensinar. Desse modo, outros elementos que não apenas a recrudescente inserção tecnológica hoje existente na escola, colocariam em xeque a autoridade docente, fazendo com que esses professores se sentissem cada vez mais desautorizados no seu exercício profissional.

### Uma nova articulação possível de dois potentes conceitos

Após essa revisão bibliográfica, algo nítido e que se apresenta em todos os trabalhos é que os conceitos de autoridade pedagógica, ou mesmo de autoridade escolar, remetem à relação professor-aluno, sobretudo, devido à influência da psicanálise sobre estes. Sendo que as tecnologias digitais se interporiam entre os professores e os alunos, não como mediações, mas como substitutas da figura docente, logo, dos processos de identificação realizados pelos estudantes. Dessa forma, passariam a ser as autoridades, as referências nos processos formativos.

Não à toa, Zuin constantemente se utiliza do exemplo de faixas presentes em formaturas que agradecem ao Google e não aos professores o êxito naquela etapa dos estudos. Outro ponto em comum com os estudos discutidos nas duas seções anteriores é um certo otimismo em relação à docência, pois recorrentemente eles ressaltam a importância de um professor humano que desempenhe o papel do mestre que, ao ser superado, se conserva no estudante. Dinâmica impensável se o conhecimento passar a ser mediado apenas por dispositivos digitais e interações algorítmicas.

As inovações tecnológicas que continuamente, e em uma velocidade cada vez maior se apresentam aos nossos olhos, exprimem uma dinâmica de aceleração técnica

específica da Modernidade Tardia (ROSA, 2019). Do mesmo modo que a proliferação dos mais variados tipos de tecnologia faz parte de um movimento maior, a autoridade com a qual o professor se estabelece frente a uma sala de aula também o faz. Sempre que se ilumina e se empreende uma análise sobre certo aspecto da vida social, algo escapa. Essa impossibilidade de compreensão total dos fenômenos sociais (WEBER, 2006) não apenas permite, mas em muitos casos demanda, a rearticulação de conceitos para aspectos que não constavam nas intenções analíticas primeiras de seus criadores. Uma mudança de perspectiva básica permite que comecemos a construir um novo caminho analítico para esses conceitos que se debruçaram na relação professor-aluno.

Um primeiro ponto a notarmos é que essa relação é extremamente múltipla. Pensemos, por exemplo, na dinâmica do Ensino Médio paulista. Cada aluno tem, por ano, no mínimo quinze professores, número que constantemente é maior se levamos em consideração os professores eventuais e substitutos que também irão fazer parte do ano letivo do aluno, que, a não ser em casos excepcionais, representa menos de 1% do número total de estudantes sob responsabilidade de determinado professor. Ou seja, a relação professor-aluno, nesta configuração, é uma cacofonia caótica na qual professores e alunos se veem imersos.

As pesquisas que foram analisadas mostram seu potencial analítico ao ecoar uma conceituação de autoridade, um tanto quanto mais abrangente que a pregada pela psicanálise e que fora expressa, de certa forma, por Bhabha (1998, p. 163) que, ao analisar outro contexto, afirmou: “o reconhecimento da autoridade requer uma legitimação de sua fonte que deve ser imediatamente, até intuitivamente, evidente e consensual”. A utilização dos conceitos de autoridade pedagógica e de autoridade tecnológica para a compreensão do ambiente escolar, no qual as relações professor-aluno são caóticas e múltiplas, necessita dessa noção de legitimação. Desse modo, podemos pensar que a autoridade presente nos conceitos de autoridade tecnológica e autoridade pedagógica deve se amparar em algo que lhe conceda tal legitimação.

Sibilia (2012), uma pesquisadora da área da comunicação, que se aventurou em uma reflexão sobre a atual situação da escola em nosso tempo, afirma que a malha social que legitimava a escola não mais existe. O cenário no qual a escola fundamentou sua autoridade é descrito por Sibilia (2012) como um contexto social no qual a cultura letrada

era extremamente valorizada; os sujeitos sociais constantemente se conectavam com sua interioridade, seja através da leitura, seja através da escrita; a existência de uma lógica na qual se acreditava que o sacrifício e o esforço valiam a pena, e resultariam em benesses em longo prazo; e, principalmente, havia uma trama institucional centrada no Estado e na lei escrita, que se justificava por si só, que sustentava a autoridade de figuras como o professor ou o pai. O declínio destes elementos e a ascensão de outros reconfiguram o social. Podemos perceber que há uma legitimação de certas identificações com a cultura veiculada pela indústria cultural, quando alunos formandos dançam em suas formaturas<sup>5</sup>, justamente na direção da entrega de seus diplomas, em um momento que outrora era dedicado à solenidade da palavra escrita firmada no diploma, o que transferia certo *status* ao seu recebedor.

Essas dinâmicas e outras congêneres, quando relatadas desse modo, parecem apontar para um enfraquecimento da autoridade escolar e para a subsunção da palavra escrita por parte de dinâmicas sociais pautadas em elementos audiovisuais, nas quais a palavra escrita apenas exerce papel de coadjuvante. Sibilia (2012) assevera algo nesse sentido a fim de diagnosticar o declínio da legitimidade do ensino escolar. A autora aponta que, hoje, a lei, outrora universal e justificável por si mesma, passa a ser considerada como um tipo de opinião; a cultura letrada, não mais fornece uma coesão simbólica, sobretudo, com a proliferação de uma cultura audiovisual, que prima não pela interioridade, mas pela exterioridade de seus membros, que mergulhados nessa cultura se expõem audiovisualmente nas redes, de modo compulsivo, como apontado por Türcke (2010).

Desse modo, há um novo tipo de sujeito sendo formado, segundo Sibilia (2012), que é o sujeito-consumidor. Esse tipo de sujeito não necessita da escola para ser formado, pois, desde tenra idade as pessoas são atingidas pelo *marketing* e pela publicidade, que fornecem os parâmetros básicos para a subjetividade dos sujeitos-consumidores. Não apenas a multiplicação de escolas particulares demonstra essa transformação de alunos em clientes, mas também a substituição de uma lógica do

---

<sup>5</sup> Em vez de separar um vídeo específico a título de exemplo, nesta nota se encontra o *link* para uma lista com vários vídeos de estudantes entrando em suas formaturas e realizando o famigerado “passinho do romano” [https://www.youtube.com/results?search\\_query=passinho+do+romano+formatura](https://www.youtube.com/results?search_query=passinho+do+romano+formatura) (Acesso em: 04 mar. 22).

sacrifício e esforço, por uma lógica do entretenimento, na qual cabe ao professor prender a atenção dos alunos de alguma forma “divertida”, para que ensejem aprender alguma coisa. A existência de uma autoridade pedagógica evidente, consensual e intuitiva parece não ser mais a tônica do mundo escolar, de modo que não apenas as novas tecnologias da informação, mas também um intrincado cultural, baseado em conteúdos audiovisuais aparece, ao menos neste momento, como contraponto à autoridade escolar clássica.

O descompasso entre a escola e os alunos que hoje a frequentam é o grande tema de Sibília (2012), em sua análise que ecoa a ideia de Deleuze (2013), de que as instituições disciplinares, das quais a escola faz parte, tendem a desaparecer e vivemos em um momento no qual essas instituições agonizam, enquanto ainda não emergiram as formas que irão ocupar seus lugares. Não é papel deste trabalho e nem do cientista social especular sobre o futuro, de modo que por mais desacreditada ou atacada (LAVAL, 2004) que a escola seja, a instituição se mantém como espaço privilegiado para que as novas gerações de humanos ocidentalizados aprendam e socializem com outras pessoas da mesma idade. Por essa razão, é necessário que compreendamos os modos pelos quais a escola pode se legitimar frente a seus alunos para que os professores possuam autoridade ao ensinar, permitindo um aprofundamento nas temáticas e aquilo que Young (2016) classifica como conhecimento poderoso.

A ideia de um exercício legítimo do ensino de conhecimentos, em alguns aspectos, ressoa as asseverações de Weber (2003), o qual afirma que o exercício de uma dominação legítima se configura a partir da alta probabilidade de que um mandato seja obedecido, ou seja, nos termos deste trabalho, essa noção se atrelaria à probabilidade de os conhecimentos ensinados possuírem o engajamento dos estudantes para serem aprendidos. Ou seja, o enfoque das relações sociais que permeiam a legitimidade da escola, e não suas bases jurídicas, se fazem presentes nas dimensões propositivas deste escrito, mesmo que autoridade e legitimidade sejam faces de um mesmo fenômeno (SPENCER, 1970), analiticamente podem ser diferenciadas. Pois, enquanto Weber (2003) condiciona a legitimidade a uma certa ordem instituída, nem que seja do líder carismático sobre seus apóstolos, nesta reflexão tentou-se traçar uma linha compreensiva sobre os



processos e as formas pelas quais a escola é *identificada* como espaço de aprendizado de conteúdos que a própria escola se propõe a ensinar.

Assim, seria possível depreender, a partir da rearticulação de conceitos como a autoridade pedagógica e a autoridade tecnológica, análises de dinâmicas sociais que reforçam a identificação da escola como espaço de aprendizado, ou que reforçam as mediações tecnológicas como capazes de ensinar. Talvez, antes de refletirmos sobre como os espaços e profissionais da educação podem permitir o movimento de superação do mestre que constitui egos sadios, seja necessário pensar sobre os processos de legitimação desses espaços e desses profissionais frente ao alunado.

### Considerações finais

Este artigo se propôs a desenvolver uma análise teórica de dois conceitos presentes na literatura brasileira acerca da escola e que possuem alguma influência de pensadores que comumente são enquadrados na alcunha de Primeira Geração da Escola de Frankfurt. Em toda a literatura analisada neste escrito, a influência da psicanálise e da observação detida na relação professor-aluno é uma constante. A última seção tenta apontar um caminho no qual esses conceitos sejam aplicados em análises que versam sobre o ambiente escolar de forma a englobar as relações professor-aluno que, no contexto hodierno das instituições educacionais, é incrivelmente múltiplo.

O caráter aparentemente prescritivo da rearticulação de tais conceitos exprime também a forma como vêm sendo utilizados em uma pesquisa empírica que ainda não foi finalizada, mas que permitiu perceber a altissonância desses conceitos na análise de dinâmicas que englobam as formas como estudantes se empenham a aprender, de modo a expressar a sua identificação seja com a legitimidade da escola como instituição que ensina, ou com dispositivos dotados de tecnologias digitais que oferecem um fluxo incessante de informação, no qual, por vezes, os estudantes se deparam com temáticas que usualmente são ensinadas na escola.

Conclui-se que os conceitos de autoridade tecnológica e autoridade pedagógica possuem potencial analítico que extrapola as relações professor-aluno, assim como, permitem tecer um fio analítico sobre a legitimidade da instituição escolar

hodiernamente, de mesmo modo que podem ser utilizados para se compreender o papel dos dispositivos digitais na vida de jovens que desejam aprender sobre algo. A análise crítica realizada neste escrito também nos permite interrogar as limitações e potencialidades de pesquisas que se enfocam nas relações professor-aluno em um contexto de multiplicidade destas. Outro ponto relevante é a importância de se estabelecer análises sobre a escola, sem pretensões futuristas ou apocalípticas, mas calcadas nas dinâmicas que se apresentam no tempo presente sobre essa instituição e em conceitos que permitam compreendê-las de maneira adequada.

## Referências

- ADORNO, Theodor W. Tabus a respeito do professor. *In*: ZUIN, Antonio Álvaro Soares; PUCCI, Bruno; RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton (org.). **Adorno: o poder educativo do pensamento crítico**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999. p. 157-176.
- ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- ADORNO, Theodor W. Teoria da semiformação. *In*: PUCCI, Bruno; ZUIN, Antônio Álvaro Soares (org.). **Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 2010. p. 07-40.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BUFFA, Maurício. **O debate enfraquecido: o desânimo dos educadores diante da realidade cotidiana das escolas**. 2014. Universidade Federal de São Carlos: [S. l.], 2014.
- CALÁBRIA, Ana Paula V. N.; FREITAS, Nivaldo Alexandre De. O uso de recursos tecnológicos e sua influência na formação do estudante. **Nuances: Estudos Sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 30, n. 1, p. 28-46, 2019.
- CÂMARA, Rodrigo Siqueira; FRANCISCATTI, Kety Valéria Simões. A psicologia social de Theodor Adorno na produção brasileira (1984-2015). **Psicologia e Sociedade**, Recife, v. 28, n. 3, p. 537-551, 2016. DOI: 10.1590/1807-03102016v28n3p537. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-03102016v28n3p537>. Acesso em: 17 mar. 2021.
- CARLOTTO, Mary Sandra. Síndrome de Burnout em professores: prevalência e fatores associados. **Psicologia: Teoria e Pesquisa [Online]**, v. 27, n. 4, p. 403-410, 2011. DOI: 10.1590/S0102-37722011000400003. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722011000400003&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722011000400003&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 31 ago. 2022.
- CASTRO, Camila Sandim De; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Indústria cultural e distração concentrada: as plataformas digitais e o ensino personalizado. **Comunicações**, Piracicaba, v. 25, n. 2, p. 79, 2018. DOI: 10.15600/2238-121x/comunicacoes.v25n2p79-94. Disponível em:

<https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicacoes/article/view/3433>. Acesso em: 09 nov. 2022.

COMENIUS. **Didática magna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CONTE, Elaine; HABOWSKI, Adilson Cristiano. A autoridade do educador no cenário tecnológico: interlocuções freireanas. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 406, 2018. DOI: 10.12957/riae.2018.38035. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/38035>. Acesso em: 09 nov. 2022.

CONTE, Elaine; HABOWSKI, Adilson Cristiano. Communication action in education as a device and epistemic authority to technological praxis. **Educacao e Sociedade**, Campinas, v. 40, p. 1-16, 2019. DOI: 10.1590/es0101-73302019193424. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302019193424>. Acesso em: 09 nov. 2022.

CROCHÍK, José Leon. A forma sem conteúdo e o sujeito sem subjetividade. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 31-46, 2010. DOI: 10.1590/S0103-65642010000100003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642010000100003>. Acesso em: 09 nov. 2022.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Lisboa: Edições antipáticas, 2005.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2013.

DIAS, Rosilãna Aparecida; LEITE, Lígia Silva; BATISTA, Deniele Pereira. A compreensão dos alunos sobre o professor e do tutor na educação a distância. In: CATEGORIA: PESQUISA E AVALIAÇÃO 2010, Juiz de Fora. **Anais [...]**. Juiz de Fora: ANPED, 2010. p. 1-10.

DUARTE, Newton. As pedagogias do aprender a aprender e algumas ilusões da assim chamada sociedade do conhecimento. **Revista Brasileira de Educação [Online]**, v. 18, p. 35-40, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/KtKJTDHPd99JqYSGpQfD5pj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 ago. 2022.

GRUSCHKA, Andreas; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. A invasão do smartphone na sala de aula – sobre a autoridade do professor, violência, o privado e o público no ensino. **Devir Educação**, Lavras, v. 4, n. 1, p. 199-221, 2020. DOI: 10.30905/ded.v4i1.174. Disponível em: <http://devireducacao.ded.ufla.br/index.php/DEVIR/article/view/174>. Acesso em: 09 nov. 2022.

HABOWSKI, Adilson Cristiano; CONTE, Elaine. Cultura digital versus autoridade pedagógica. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 24, p. 494-517, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/18993>. Acesso em: 09 nov. 2022.

KYRIACOU, Chris; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Cyberbullying of teachers by students on YouTube: challenging the image of teacher authority in the digital age. **Research Papers**

in **Education [Online]**, v. 31, n. 3, p. 255-273, 2015a. DOI: 10.1080/02671522.2015.1037337. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/02671522.2015.1037337>. Acesso em: 09 nov. 2022.

KYRIACOU, Chris; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Characterizing the cyberbullying of teachers by pupils. **Psychology of Education Review [Online]**, v. 39, p. 26-30, 2015b. Disponível em <https://shop.bps.org.uk/the-psychology-of-education-review-vol-39-no-2-autumn-2015>. Acesso em: 09 nov. 2022.

LAVAL, Christian. *La escuela no es una empresa: El ataque neoliberal a la enseñanza pública*. Barcelona: Paidós, 2004.

OLIVEIRA, Alessandro E.; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Alunos e professores no Orkut: a educação escolar na arena ciberespacial. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 17, p. 561-582, 2011.

PEREIRA, Antônio Igo Barreto; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Autoridade enfraquecida, violência contra professores e trabalho pedagógico. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 35, n. 76, p. 331-351, 2019.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 2005.

PUCCI, Bruno. A escola e a semiformação mediada pelas novas tecnologias. In: (UNIMEP, org.). **COLÓQUIO INTERNACIONAL TEORIA CRÍTICA E EDUCAÇÃO**, 1, 2004, Piracicaba. **Anais [...]**. Piracicaba: UNIMEP, 2004. Disponível em: <http://www.unimep.br/~bpucci/a-escola-e-a-semiformacao.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2022.

PUCCI, Bruno. Prefácio. In: ZUIN, Antônio Álvaro Soares (org.). **Fúria narcísica de alunos contra professores: as práticas de cyberbullying e os tabus sobre a profissão de ensinar**. São Carlos: EDUFSCAR, 2021.

ROSA, Hartmut. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

SIBILIA, Paula. **¿Redes o paredes?: la escuela en tiempos de dispersión**. Buenos Aires: Tinta Fresca, 2012.

SILVA, Andrea de Lourdes; RODRIGUES, Luciana Azevedo; FARIAS, Márcio Norberto. Uma Abordagem Filosófica da Condição do Educador na EaD. In: ANPED, 36, 2014, São João Del Rey. **Anais [...]**. São João Del Rey: ANPED, 2014, p. 1-10.

SPENCER, Martin E. Weber on legitimate norms and authority. **The British Journal of Sociology [Online]**, v. 21, n. 2, p. 123, 1970. DOI: 10.2307/588403. Disponível em: [https://www.jstor.org/stable/588403#metadata\\_info\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/588403#metadata_info_tab_contents). Acesso em: 09 nov. 2022.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada: filosofia da sensação**. Campinas: Editora UNICAMP, 2010.

WEBER, Max. **Grandes cientistas sociais**. São Paulo: Ática, 2003.

WEBER, Max. **A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais**. São Paulo: Ática, 2006.

YOUNG, Michael. Por que o conhecimento é importante para as escolas do século XXI? **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 46, n. 159, p. 18-37, 2016. DOI: 10.1590/198053143533. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/3533#:~:text=Em%20vez%20de%20considerar%20o,se%20deve%20ser%20“libertado”>. Acesso em: 09 nov. 2022.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares; Industrialização da cultura. **Revista Brasileira de estudos pedagógicos**, Brasília, v. 76, n. 182/183, p. 171-199, 1995.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **A indústria cultural e a formação dissimulada**: aspectos psicológicos da experiência educacional danificada. Campinas: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 1998.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Sobre a atualidade dos tabus com relação aos professores. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 24, n. 83, p. 417-427, 2003a. DOI: 10.1590/s0101-73302003000200005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/6vh6SG3MNBfnyk9XKz3tDry/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 09 nov. 2022.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. O corpo como publicidade ambulante. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 39-53, 2003b.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Educação a distância ou educação distante? o programa universidade aberta do Brasil, o tutor e o professor virtual. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 96, p. 935-954, 2006. DOI: 10.1590/S0101-73302006000300014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/LMsrPDLkf3zyJ3bJJd7YMMJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 09 nov. 2022.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. A educação de Sísifo: sobre ressentimento, vingança e Amok entre professores e alunos. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 103, p. 583-606, 2008.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. O Orkut e as representações dos alunos sobre os professores. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 0-19, 2009. DOI: 10.12957/teias.2009.24059. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24059>. Acesso em: 09 nov. 2022.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. O plano nacional de educação e as tecnologias da informação e comunicação. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 112, p. 961-980, 2010a. DOI: 10.1590/s0101-73302010000300016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/GMWKkPjZRBkd6dg3hJYSPVK/?lang=pt>. Acesso em: 09 nov. 2022.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. A revolução microeletrônica e a ressignificação do vínculo professor-aluno. **Impulso**, Piracicaba, v. 20, p. 41-50, 2010b.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Copiar, colar e deletar: a internet e a atualidade da semiformação. **Pro-Posições**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 139-159, 2013a. DOI: 10.1590/s0103-73072013000300009. <https://doi.org/10.1590/S0103-73072013000300009>. Acesso em: 09 nov. 2022.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. A sociedade do espetáculo e a reconfiguração da autoridade pedagógica. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 50, p. 207-222, 2013b. DOI: 10.1590/s0104-40602013000400013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40602013000400013>. Acesso em: 09 nov. 2022.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. A cultura digital, a semiformação e o novo elo pedagógico. **Revista Inter Ação [Online]**, v. 39, n. 2, p. 242–256, 2014. DOI: 10.5216/ia.v39i2.31705. <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/31705>. Acesso em: 09 nov. 2022.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. A autoridade pedagógica em tempos de cultura digital. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 29, n. 58, p. 745-769, 2015.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. A cultura digital, o Professor-Criança e o Aluno-Adulto. **Revista Educação Pública**, Cuiabá, v. 25, n. 59, p. 329–339, 2016. DOI: 10.5216/ia.v39i2.31705. <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/3678>. Acesso em: 09 nov. 2022.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **Cyberbullying contra professores: dilemas da autoridade dos educadores na era da concentração dispersa**. São Paulo: Edições Loyola, 2017. a.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. O YouTube e o Cyberbullying de alunos contra professores around the world. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 11, n. 2, p. 340–350, 2017. b. DOI: 10.14244/198271992136. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/2136>. Acesso em: 09 nov. 2022.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **Fúria narcísica entre alunos e professores: as práticas de cyberbullying e os tabus referentes à profissão de ensinar**. São Carlos: EDUFSCAR, 2021.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares; GOMES, Luiz Roberto. A formação da subjetividade na Idade Mídia. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 13, n. 2, p. 377–387, 2019.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares; PUCCI, Bruno; LASTÓRIA, Luiz Nabuco. **10 Lições Sobre Adorno**. Petrópolis: Vozes, 2015.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares; ZUIN, Vânia Gomes. Lembrar para elaborar: reflexões sobre a alfabetização crítica da mídia digital. **Pro-Posições**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 213–234, 2017. DOI: 10.1590/1980-6248-2016-0055. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2016-0055>. Acesso em: 09 nov. 2022.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares; ZUIN, Vânia Gomes. A Indústria Cultural na era da Tela Onipresente. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, Curitiba, v. 14, n. 26, p. 89–104, 2019.

ZUIN, Vânia Gomes; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Professores, tecnologias digitais e a distração concentrada. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 42, p. 213–228, 2011. a. DOI: 10.1590/s0104-40602011000500014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40602011000500014>. Acesso em: 09 nov. 2022.

ZUIN, Vânia Gomes; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Memória, Internet e Aprendizagem Turbo. **Currículo Sem Fronteira, [Online]**, v. 11, n. 2, p. 221–239, 2011. b. <https://biblat.unam.mx/pt/revista/curriculo-sem-fronteiras/articulo/memoria-internet-e-aprendizagem-turbo>. Acesso em: 09 nov. 2022.

ZUIN, Vânia Gomes; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. A formação no tempo e no espaço da internet das coisas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 37, n. 136, p. 757–773, 2016. DOI: 10.1590/ES0101-73302016167198. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302016167198>. Acesso em: 09 nov. 2022.

ZUIN, Vânia Gomes; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. A indústria cultural algorítmica na era da Internet das Coisas. **Educação e Filosofia, [Online]**, v. 32, n. 66, p. 1131–1156, 2018. a. DOI: 10.14393/revedfil.issn.0102-6801.v32n66a2018-07. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/41478>. Acesso em: 09 nov. 2022.

ZUIN, Vânia Gomes; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. O celular na escola e o fim pedagógico. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 39, n. 143, p. 419–435, 2018b.

ZUIN, Vânia Gomes; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. A Autoridade Pedagógica Diante Da Tecnologia Algorítmica De Reconhecimento Facial E Vigilância. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 41, p. 1–15, 2020.

Recebido em: 02/09/2021  
Revisões requeridas em: 09/08/2022  
Aprovado em: 31/08/2022

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC  
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE  
Revista Linhas  
Volume 23 - Número 53 - Ano 2022  
[revistalinhas@gmail.com](mailto:revistalinhas@gmail.com)